



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
PÓS-GRADUAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO EM LATO SENSU
EM LÍNGUA E CULTURA TERENA

SUELI RODRIGUES

**OS SENTIDOS DO ARTESANATO TERENA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
INDÍGENA TERENA**

Campo Grande/MS
2018

SUELI RODRIGUES

**OS SENTIDOS DO ARTESANATO TERENA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
INDÍGENA TERENA**

Monografia apresentada à Banca Examinadora junto ao Programa de Pós-Graduação Lato Senso em Língua Cultura Terena da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Campo Grande) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Língua e Cultura Terena.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Elisângela Leal da Silva Amaral.

Campo Grande/MS
2018

Rodrigues, Sueli

Os sentidos do artesanato Terena na construção da identidade indígena Terena/
Sueli Rodrigues /Campo Grande, MS: UEMS, 2018.

32p. ; 30cm.

Monografia (Especialização) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.
Unidade Universitária de Campo Grande, 2018.

Orientadora: Profa. Ma. Elisângela Leal da Silva Amaral.

1.Sentidos. 2. Identidade . 3. Trabalhos Manuais 4. Terena. I. Título.

CDD 23.ed. 305.8

SUELI RODRIGUES

**OS SENTIDOS DO ARTESANATO TERENA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
INDÍGENA TERENA**

Monografia apresentada à Banca Examinadora junto ao Programa de Pós-Graduação Lato Senso em Língua Cultura Terena da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul Campo Grande) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Língua e Cultura Terena.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Elisângela Leal da Silva Amaral.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a.Ma. Elisângela Leal da Silva Amaral.
Presidente

Prof. Dr.^a. Valéria Faria Cardoso
Titular

Prof. Dr.^a.Denise Silva
Titular

Prof. Dr.Wanderley Dias Cardoso
Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela sabedoria para escrever este trabalho e saúde durante toda esta longa caminhada.

DEDICATÓRIA

A Professora Ma. Elisângela Leal Amaral da Silva, minha orientadora, pela dedicação e paciência nas correções e conclusão do meu trabalho. Foram noites e madrugadas em claro, mesmo na correria do dia-dia, sempre disponibilizava seu tempo para me ajudar.

Aos familiares e irmãos em Cristo pelas orações, para que eu pudesse concluir essa pós.

Aos Amigos e colegas de curso pelo apoio e incentivo para continuar mesmo nas dificuldades em relação a transportes para deslocarmos até a Universidade, às vezes não tínhamos como ir, e tínhamos que colaborar na gasolina, com colegas que tinham carro.

Mas Graças a Deus pela fidelidade, de nos conceder condições financeiras, para nossas idas e vindas às aulas.

“Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.”

Provérbios 3: 5,6

Rodrigues, Sueli. Os sentidos do Artesanato Terena na Construção da Identidade Indígena Terena/ Sueli Rodrigues - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

RESUMO

O Presente trabalho busca analisar o sentido do artesanato terena na construção de sua identidade indígena. Será realizado um breve histórico abordando a origem dos povos indígenas existentes no Brasil, bem como seus costumes e tradições. Haja vista que a prática dos artesanatos dentro de algumas aldeias indígenas vem se perdendo cada dia mais. Investiga-se ainda os valores relacionados à preservação de uma parte da cultura indígena terena dos ancestrais da etnia, deixada pelos mais jovens. Busca-se compreender também a relação da identidade indígena com o artesanato, pintura, e as simbologias por eles representada, e a relação da temática com o avanço tecnológico. A fundamentação teórica pauta-se em revisão bibliográfica e depoimentos de indígenas.

Palavras-Chave: Sentidos; Identidade; Artesanato; Terena.

Rodrigues, Sueli. Os sentidos do Artesanato Terena na Construção da Identidade Indígena Terena/ Sueli Rodrigues - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

ABSTRACT

The present work seeks to analyze the meaning of the Terena handicraft in the construction of its indigenous identity. A brief history will be made addressing the origin of indigenous peoples in Brazil, as well as their customs and traditions. It should be noted that the practice of handicrafts within some indigenous villages has been increasingly lost. We also investigate the values related to the preservation of a part of the Terena indigenous culture of the ethnic ancestors, left by the younger ones. It also seeks to understand the relation of indigenous identity to the crafts, painting, and symbologies they represent, and the relation of the theme to the technological advance. The theoretical basis is based on a bibliographical review and testimony of indigenous people.

KeyWords: Senses; Identity; Crafts; Terena.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
Objeto.....	10
Objetivo Geral.....	10
Objetivos específicos.....	10
Justificativa.....	10
1 POVOS INDÍGENAS DO BRASIL	11
1.1 História do povo Terena.....	15
2 HISTÓRIA, ORIGEM, TRANSFORMAÇÕES DA ALDEIA LAGOINHA	21
2.1 Situação econômica da aldeia.....	22
2.2 Identidade.....	22
2.3 Artesanato Terena.....	23
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

O artesanato indígena é um patrimônio sócio- cultural de uma comunidade e por esse motivo deve ser preservado. Carregando consigo um grande significado das experiências históricas vivenciadas.

Temos conhecimento de que há mais de 500 anos antes da chegada dos portugueses ao território Brasileiro, os indígenas já habitavam as terras e já fabricavam seus artesanatos. Eram fabricados com matérias extraídos da natureza . Uma arte repassada para os mais novos.

Em tempos antigos, era bem mais valorizada que os dias atuais. Porém com o passar do tempo, com a colonização dos portugueses muitos indígenas foram extintos, dentre outras problemáticas, o que contribuiu para que esse traço cultural fosse perdendo seu devido valor.

Os indígenas terena, após a guerra do Paraguai, perderam grande parte de suas terras. Desse modo, sem terra, sem matérias para confeccionarem seus artesanatos foram deixando de lado essa prática. Nos dias atuais poucos são os que ainda fazem os artesanatos preservam seus costumes, sua cultura. Aos poucos também, pelo contato com a sociedade externa, foram substituindo seus utensílios artesanais, de uso no dia a dia, por utensílios mais sofisticados.

O principal motivo que nos levou a fazer esse trabalho foi à observação do aparente desvalor que tem sido dado à prática do artesanato, sobretudo pelos jovens diante da demanda da vida moderna. Tem havido uma priorização das redes sociais dentro das aldeias indígenas.

OBJETO

Os sentidos do artesanato terena na construção da identidade terena do indivíduo da aldeia Lagoinha.

OBJETO GERAL

Analisar a relação da produção da cerâmica indígena terena com a construção da identidade do indígena terena.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os sentidos da produção da cerâmica terena "em sua fase inicial";
- Analisar os sentidos da produção da cerâmica na atualidade;
- Buscar as relações entre a transformação na forma do artesanato terena e a identidade terena.

JUSTIFICATIVA

Trazer à discussão o artesanato indígena como retrato da identidade do povo terena, e seu impacto na vida cotidiana, retratando, em específico, o caso da Aldeia Lagoinha, localizada em Aquidauana- MS, destacando a necessidade de preservação do artesanato indígena, entendendo este como patrimônio sócio-cultural de uma comunidade é registrar a história de um povo que é parte do Brasil. Discutindo o impacto do avanço tecnológico nas aldeias, especialmente em relação aos jovens, situando-os em relação à própria cultura e, por consequência, no artesanato indígena; disso, desenvolver e oferecer à comunidade o resultado desta pesquisa, demonstrar aos jovens indígenas a importância de salvaguardar a perpetuação do artesanato local, como instrumento de preservação cultural.

1 POVOS INDIGENAS DO BRASIL

Segundo MARTINS (1950, p.42) antes de os portugueses chegarem ao Brasil, já existia mais de 5 milhões de pessoas, cada um com sua cultura. Os portugueses não sabiam que esses povos existentes eram os indígenas, e tratavam-nos como se fossem um só povo. Não se sabe ao certo como era a vida dos indígenas, pois os mesmos não deixaram nenhum documento escrito, porque na época não tinham conhecimento da escrita. Os documentos existentes, são as cartas escritas por componentes da equipe dos colonizadores, em suas cartas a Portugal. Como redige GÂNDAVO (1980, p. 25) “[...] assim não têm Fé, nem Lei, Nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem além disto conta, nem peso, nem medido.”

Esse “índio” caricaturado, também é descrito em Carta de Caminha, citada na obra de Fonseca:

[...] na carta de achamento, se sublinha a inocência, ou seja a não consciência da nudez por parte dos indígenas, está-se provavelmente a pensar – e todos quanto em Lisboa a vão ler provavelmente também o pensam – no versículo do Génesis (3.7.), onde se conta que a Adão e Eva, depois do Pecado, abriram-se -lhes os olhos a ambos e perceberam que estavam nus... Isto é, no discurso da Carta, a inocência é prova de que não houve pecado, ou seja, é ela que redime a bestialidade dos índios brasileiros. (FONSECA, 2000, p. 6)

Estereotipados de selvagens, sem lei, sem organização político-social, reduzidos a bestas, a seres sem alma, etc, os indígenas foram sendo retratados na “História do Brasil”, de um Brasil que nem ao mesmo o considerava brasileiro. O que prova mesmo que, na concepção do “colonizador, o “Brasil nasce” quando Cabral o “descobre”. Essa é a história de um Brasil que deixou de fora a sua população, ou uma população, cuja existência não lhe interessava.

O índio é totalmente excluído. No que se refere à identidade cultural, o índio não entra nem como estrangeiro, nem sequer como antepassado. [...] “Os portugueses descobriram o Brasil”. Daí se infere que nossos antepassados são os portugueses e o Brasil era apenas uma extensão de terra. “Havia” selvagens arredios que faziam parte da terra e que, “descobertos”, foram o objeto da catequese. São, desde o começo, o alvo de um apagamento, não constituem nada em si. Esse é o seu estatuto histórico “transparente”: não constam. Há uma ruptura histórica pela qual se passa do índio para o brasileiro, através de um “salto”. (ORLANDI, 2008, p. 66)

Se algo interessava sobre eles, restringiam-se às riquezas cujos caminhos eles sabiam dizer. A citação a seguir pode comprovar essa afirmação.

O quadro é claramente teatral. Cabral está sentado, em pose, rodeado da gente da sua nau, e de alguns capitães. Quando os índios entram *em silêncio*, um deles, apontando para o colar de ouro que o capitão tem ao pescoço e para um castiçal de prata, faz vários gestos, que os portugueses interpretam como indicativos de que em terra há ouro e prata. (FONSECA, 2000, p. 4 – grifo nosso)

Nessa ralação exploratória, o “índio” foi pintado de acordo com a cena que aos colonizadores era conveniente projetar. Seu território também passa a ser configurado conforme os portugueses planejaram. A terra ganha um dono: “terras da Conquista de El Rei de Portugal” (GÂNDAVO, 1980, p. 36).

Sobre as riquezas,

[...] sabe-se de certo que está toda esta riqueza nas terras da Conquista de El Rei de Portugal, e mais perto sem comparaçam das povoações dos Portuguezes, que dos Castelhanos. [...] Do preço dellas nam trato aqui, porque ao presente o nam pude saber, mas sei que assi destas como doutras há nesta Provincia muitas e mui finas, e muitos metaes, donde se pode conseguir infinita riqueza. (GÂNDAVO, 1980, p. 36)

Os cientistas tem a seguinte concepção do modo de vida dos indígenas.

[...]o modo de vida dessas tribos não mudou muito ao longo dos séculos. Por isso acham que os costumes das tribos indígenas atuais nos ajudam a entender como devem ter sido os costumes das tribos que viviam antes da chegada dos português. (MARTINS 1950, P.43)

Outra questão importante que queremos ressaltar é que naquela época os indígenas não se preocupavam em demarcar “donos das terras”, pois cada um tinha o suficiente para viver, livremente. Havia diversas línguas indígenas como podemos constatar por meio, de uma divulgação científica, elaborada por Aryon estimando que:

[...] esse número em 1.175 línguas, concluindo, então, pelo desaparecimento de mais de 1.000 línguas indígenas no Brasil nos primeiros 500 anos após o chamado “descobrimento” (RODRIGUES 1993, P.91).

Não é diferente nos dias atuais, a língua vem se perdendo cada vez mais, esse registro foram divulgados pela revista D.E.L.T.A ,escrita por ARYON 1993,

intitulada “Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas”, ressalta a real situação desse desaparecimento linguístico.

“A situação das línguas indígenas brasileiras é extremamente grave, seja do ponto de vista da perda do conhecimento linguístico e cultural que o desaparecimento de qualquer língua implica, seja do ponto de vista da desintegração social e espiritual de cada um dos povos que, com a perda da língua sob pressão externa, têm destruídos seus valores tradicionais sem tempo para a incorporação ou o desenvolvimento de novos valores, o que os leva ao empobrecimento e à marginalização social. Para atalhar o curso das perdas ocorridas neste meio milênio de confronto entre indígenas e alienígenas nesta parte do mundo, fazem-se necessárias ações enérgicas e urgentes, tanto de política social quanto de política científica, para assegurar o equilíbrio mínimo imprescindível para a sobrevivência sadia das minorias em convívio com a sociedade majoritária e para salvar, para os próprios povos indígenas e para a ciência humana, o conhecimento das duzentas línguas que ainda sobrevivem e cuja preservação é irrecusavelmente a obrigação de todos nós, linguistas ou não, que temos condições de perceber a importância das línguas e a gravidade da situação a que foram levadas as minorias linguísticas indígenas”.

(RODRIGUES 1993: p.100-101)

Cada povo com seus costumes e tradições, acreditavam que existia espíritos e que os mesmos viviam em matas, rios e animais que poderiam prejudicar os homens.

[...] Cada um tinha a sua religião e as suas lendas. Geralmente, os povos indígenas acreditavam na existência de espíritos, Os espíritos vivem em matas, nos rios e nos animais e podem ajudar a prejudicar os homens.

(MATINS 1950, P.43.

Acreditavam que entre eles existiam algumas pessoas que tinham poderes sobrenaturais. Esses eram chamados de pajés ou xãmas. Temos um exemplo de como era o dialogo dos espíritos e dos pajés retratado por um indígena.

“Quando os índios rezam, eles conversam com os espíritos. O pajé sabe conversar com os espíritos. O pajé conversa rezando. O pajé conversa viajando. Ele viaja no sonho. Às vezes ele fuma para viajar. Quando tem doença, o pajé conversa com os espíritos. O pajé manda embora os espíritos ruins”. (MARTINS 1950, P,44)

As casas dos indígenas eram conhecidas como ocas e um conjunto delas era denominada maloca. O que nos dias de hoje é conhecido como aldeias. As ocas eram construídas uma ao lado da outra em forma de círculo, nelas moravam todos

os membros da família. Não existiam banheiros, utilizam a mata para fazer suas necessidades fisiológicas.



Figura 01: As ocas em uma maloca.

Fonte: <https://arquitetandoofuturo.wordpress.com/author/yagothierres/>.

A organização social dos indígenas se iniciava na disposição das casas e das malocas. Cada tribo tinha o seu representante, que era o chefe.

[...] Em cada uma dessas tribos, havia um chefe. Sua função era ajudar os problemas que existiam nas famílias [...] MARTINS 1950, P. 45. Não é diferente nos dias de hoje, cada aldeia tem seu cacique, nada pode ser decidido sem a sua autorização.

As crianças eram ensinadas desde cedo. Recebiam dicas de sobrevivência e das práticas cotidianas. Os meninos, ao completarem 12 anos de idade, já estavam aptos a saírem para as caças utilizando seu arco e flecha, enquanto que as meninas, por essa faixa etária, já estavam prontas para casarem.

[...] As crianças eram tratadas com o maior carinho. Elas nunca apanhavam ou ficavam de castigo. Elas faziam quase tudo o que queriam e dificilmente eram reprimidas. Adaptavam-se com bastante facilidade aos costumes da tribo. Elas aprendiam cedo quase tudo o que necessitavam para sobreviver. Quando o menino completava 12 anos, recebia o arco e a flecha e já podia sair para caçar. Mais ou menos por essa idade, as meninas já podiam casar-se. [...] MARTINS 1950, P.45

Desde aquele tempo já existia a divisão do trabalho entre os homens e mulheres, a função dos homens era preparar a terra para o plantio, cuidar das plantações e ir à busca do sustento, alimentar da família por meio de caça e pesca. Já as mulheres eram encarregadas de colherem as plantações, fazerem as

refeições e confeccionar seus artesanatos, tais como as cerâmicas. Portanto viviam todos em numa coletividade, todos da aldeia se preocupavam um com os outros.

“A terra não é de um dono só. A roça também não é de um dono só. Ninguém faz uma roça sozinho. Ninguém come as coisas da roça sozinho. As coisas da roça, a gente divide com os parentes. Divide com quem está precisando. Cada povo divide de um jeito. A caça também não é de um dono só. Quando alguém mata um bicho para comer, ele não come sozinho. Ele sempre divide. Quando mata peixe, divide. Quando faz comida, divide. Quando faz bebida divide. Sempre divide”.(MARTINS 1950,P.46)

Diferente dos dias atuais, cada chefe de família, trabalha para o seu próprio sustento.

BITTENCOUT (2000 p.26) traz em sua obra que a ocupação do território indígena, antes da chegada dos europeus, foi realizada em diversos momentos. A ocupação territorial foi um processo lento, resultado de diferentes migrações indígenas. Esses povos tiveram grandes experiências, concretizaram alianças com o objetivo de enriquecer suas heranças culturais.

Portanto a população indígena no Brasil é constituída por diversos povos, trazendo consigo seus costumes, a sua herança, a sua língua. A partir da segunda metade do século XX passam a ter seus direitos assegurados pela Constituição Brasileira de 1988, artigo 231 onde se registra: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre terras que tradicionalmente ocupam, competindo à união demarcá-las, proteger e fazer respeitar os seus bens.”

Entretanto ainda hoje, os relatos e experiências indígenas confirmam muito da segregação, discriminação, perseguição e descumprimento de legislação que, na teoria, já se encontram amparados. É o caso, por exemplo, das terras, comprovadamente indígenas por pesquisas arqueológicas, que não lhes são devolvidas, talvez porque o “agro é bom” e dá lucro, para alguns.

1.1 História do povo Terena

A origem do povo terena é contada por diversas maneiras, as versões escritas e narradas foram feitas pela história contada pelos antigos indígenas, sua criação é conhecida por meio de mito segundo a tradição contada por sobre como os Terena foram contados por professores da aldeia de Cachoeirinha, em 1995.

“O mito sobre como os Terena pode ser contado de várias maneiras. As diferenças entre as versões narradas estão ligadas ao momento e à situação vivida pelo povo quando contam essa parte da sua história. Os brancos também contam a sua história de vários jeitos, dependendo do tempo, das circunstâncias e dos grupos que estavam no poder quando a escreveram. Por isso, a história de muitos personagens brancos que aparecem nos livros, também tem várias versões. BITTENCOURT ,2000, P.22)

Segundo o mito relatado diz:

“Havia um homem chamado Oreka Yuvakae. Este homem ninguém sabia da sua origem, não tinha pai e nem mãe, era um homem que não era conhecido de ninguém. Ele andava caminhando no mundo. Andando num caminho, ouviu grito de passarinho olhando como que com medo para o chão. Este passarinho era o bem-te-vi. Este homem, por curiosidade, começou chegar perto. Viu um feixe de capim, e embaixo era um buraco e nele havia uma multidão, eram os povos terenas. Estes homens não se comunicavam e ficavam trêmulos. Aí Oreka Yuvakae, segurando em suas mãos tirou eles todos do buraco. Oreka Yuvakae, preocupado, queria comunicar-se com eles e ele não conseguia. Pensando, ele resolveu convocar vários animais para tentar fazer essas pessoas falarem e ele não conseguia.”(BITTENCOURT ,2000, P.22)

Podemos conhecer mais sobre a história do povo terena por meio de seus artesanatos como cerâmicas, as tecelagens feitas de algodão, instrumentos musicais confeccionados com materiais da própria natureza e com coros de animais.



Figura 02: Índia Terena fazendo pote de barro.



Figura 03: Mulher Terena fiando algodão nativo.



Figura 04: Mulher terena Tecendo faixas.

Esses objetos retratam muito os hábitos e costumes do povo no passado.

Outro meio de nos informarmos também é por desenhos, pinturas e registros de algumas fotografias arquivadas.

Os anciãos das aldeias têm muito a nos ensinar por meio de seus relatos sobre a construção da história desse povo. É prática dos povos indígenas passar seus costumes e tradições, oralmente, de geração para geração.

Para melhor compreendermos a história do povo terena precisamos conhecer os principais fatores que marcaram a vida da comunidade indígena. Segundo BITTENCOURT (2000 P.25 e26), três fatores marcaram os terenas, o primeiro foi a saída do Êxiva mais conhecido como Chaco localizado no Paraguai. (o nome Chaco) é originária da palavra quéchua que significa "lugar de caça". Eles atravessaram o Rio Paraguai e ocuparam a região hoje identificada como Estado de Mato Grosso do Sul.

"O primeiro deles foi a saída do Êxiva, transpondo o rio Paraguai, e a ocupação da região do atual Estado de Mato Grosso do Sul" BITTENCOURT (2000 P.26)

Ao se situarem nesse local, os terenas dedicaram-se à agricultura com a finalidade de se aliarem com os guaicurus e portugueses.

[...] Foi um período em que os Terena ocuparam um território vasto, dedicando-se à agricultura e estabeleceram alianças importantes com os Guaicuru e com os portugueses.[...]

BITTENCOURT (2000 p. 26)

Os terenas por uma questão de sobrevivência foram submetidos pelos guaicurus em troca de proteção durante a guerra, os guaicurus lutavam e os terenas forneciam alimentação. MANGOLIM 1993 P.45

Essa aliança foi feita entre dois povos terenas e guaicurus, pelo fato de possuírem um modo de vida diferente. Os terenas eram acostumados a plantarem e faziam suas roças, enquanto que os guaicurus viviam da caça e da pesca.

Alguns relatos dos Kadiwéu mostram essa diferenças entre eles:

"Quando Deus (Aneotedroni) terminou de fazer cada tribo, ensinou o que eles poderiam fazer: deu enxada para os terena, foice para os brancos e para os Kadiwéu deu a terra, porque para Kadiwéu deu a terra, porque não pode roçar, não sabe roçar" (Basília Kadiwéu, 1989) BITTENCOURT 2000, p. 36.

Os guaicurus aprenderam a utilizar os cavalos que eram trazidos da Europa com a finalidade de guerrearem, sendo assim, protegiam suas aldeias. Além da alimentação os

terenas também ofereciam roupas e cobertores. Outro fator importante de se ressaltar é que para firmar esse vínculo entre eles permitiam casamentos entre as etnias. Relatos espanhóis comprovam essa troca:

"Os Guaicuru recebiam dos Guaná algum grão para viagem, um bolo de Nibadana com que pintam de vermelho, e alguma manta de algodão, seja branca ou listrada de várias cores, que com gosto tecem os Guaná."
(Sanchez Labrador, 1767) BITTENCOURT 2000, p.37

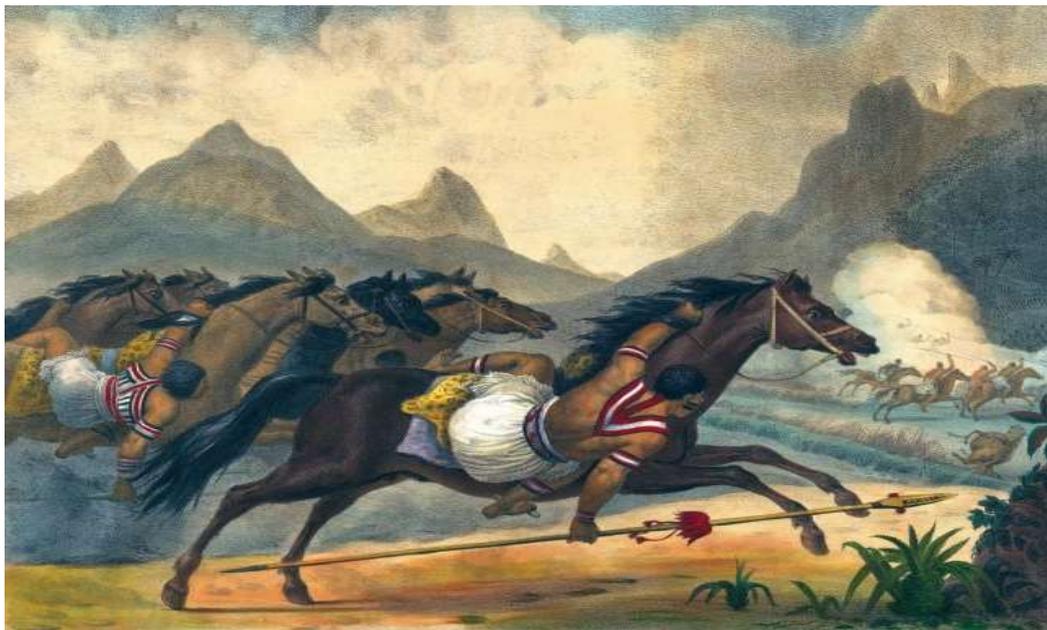


Figura 05: Índios Guaicurus em cavalos (*Reprodução*).

Fonte: <http://historianovest.blogspot.com> , acessado dia 25/10/2018.

O segundo marco foi a Guerra do Paraguai entre os anos de 1864 a 1870, acontecimento que afetou sobremaneira os terenas. Para combater nessa guerra os terenas se aliaram aos guaicurus (identificar brevemente) com o objetivo de preservar seus territórios.

Ainda assim, após a guerra do Paraguai, os terenas perderam uma grande parte de seu território para os brancos, que foram se apossando das terras ocupando-as com plantações e criação de gado.

O terceiro momento, que também marcou a vida dos terenas, foram às construções de linhas telegráficas organizadas por Marechal Rondon e sua comissão.

Daí em diante os brancos começaram mudar os costumes e hábitos indígenas, e eles, por sua vez, foram envolvidos pela cultura branca, ou do não indígena.

2 HISTÓRIA, ORIGEM, TRANSFORMÇÕES DA ALDEIA LAGOINHA



Figura 06: Aldeia Lagoinha.
Fonte: Sueli Rodrigues -2018

A aldeia Lagoinha está situada a 2 km do Distrito de Taunay Município de Aquidauana – MS, a 65 quilômetros. Esta inserida dentro das 07 (sete) aldeias, com uma área total de 7000 hectares.

A aldeia possui 720 moradores distribuídos em 120 famílias de acordo com os registros dos agentes de saúde (SESAI, 2018), conta com um posto de saúde, duas escolas uma Municipal e outra Estadual, uma quadra poliesportiva coberta, um campo de futebol, uma bicicletária, três pequenos comércios, uma padaria e ainda cinco igrejas evangélicas: Uniedas, Batista, Adventista do Sétimo Dia, Unidas e Assembleia da Nova Lagoinha.

Teve sua criação através do Senhor Guilherme Moreira e sua esposa senhora Margarida Miguel Moreira, vindos da Aldeia Bananal para ali fazerem suas plantações. Como residiam na Aldeia Bananal, mas precisam ir ate a Aldeia Lagoinha todos os dias para cuidarem de suas plantações, resolveram então fazer sua casa e trouxeram sua família para ali morar.

Cansados de fazerem esse trajeto todos os dias, resolveram construir uma casa e se mudar com sua família para a aldeia Lagoinha. Tempo depois a aldeia foi batizada com um nome (Kali Lâvona), que significa Lagoa Pequena, em homenagem à senhora Maria Carolina, uma idosa da aldeia que gostava de admirar uma lagoa que lá existia.

O fundador teve destaque na aldeia pelo fato de um dos seus filhos sair da aldeia e estudar em Araçatuba São Paulo em preparo em teologia. Após concluir seus estudos retornou para a aldeia e foi consagrado com pastor da Igreja Evangélica Uniedas da Aldeia Lagoinha, no ano de 1982, e continua nessa função desde os dias atuais.

2.1 Situação econômica da aldeia

A população da Aldeia local sobrevive de suas lavouras, algumas mulheres ainda fazem artesanatos e vendem, outras se deslocam para a capital Campo Grande - MS, pois ali há um a feira específica para que os indígenas possam vender suas mercadorias colhidas de suas plantações.

As mulheres saem de suas casas e ficam na cidade até venderem todo o produto. Alguns têm uma vida mais estável, por serem funcionários públicos e aposentados. A aldeia tem um representante responsável pelo bem estar de toda a comunidade que é o cacique, ele faz suas reivindicações para o prefeito e governador do Estado, com ajuda de sementes e óleos para o uso de tratores na preparação de terras para o plantio.

Além desse auxílio, o Governador do Estado beneficia os indígenas todo mês com as cestas básicas. Os moradores da aldeia local realizam mensalmente feiras com produtos de suas roças e dali também conseguem angariar fundos para o seu sustento.

2.2 Identidade

Ao falar de identidade, temos em mente a maneira pela qual cada indivíduo ou grupo está inserido na comunidade em que vive.

Todos já nascem com sua identidade, porém vindo sendo modificados no ambiente em que interagem para seu desenvolvimento na sociedade.

Essa questão vem sendo muito discutida ao longo do tempo pelo fato de a sociedade, cada vez mais, aderir à "identidade" e perdendo a essência do que realmente é a identidade.

Segundo Hall (2006), a identidade surge por partes, ou seja, ela já esta inserida dentro de nós como indivíduos, pois é construída a partir do nosso interior.

Falando – se de cultura e identidade na contemporaneidade, entramos num processo de fragmentação por conta do mundo globalizante. Nem tudo está tão perto e muito menos longe, pode se estar qualquer lugar devido aos avanços tecnológicos da comunicação. É um tipo diferente de mudança estrutural, que transforma as sociedades modernas e fragmentada as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Ou seja, por qualquer um dos olhares que se tenha tudo está muito próximo, porque há a [...] crescente complexidade do mundo moderno e consciência de que núcleo interior do sujeito sociológico não é autossuficiente, mas formando em relação com “outras pessoas importantes para ele”, que intermediavam valores, sentidos e símbolos a cultura dos mundos nos quais habitam.(HALL, 2000, p. 9)

Ao definir o significado do que é a identidade, queremos mencionar a identidade indígena, e seus aspectos dentro da sociedade. Falar de identidade indígena não significa somente retratar somente características físicas, mas envolve todo o desenvolvimento da cultura, como costumes, tradições e seus artesanatos. Por meio dos artesanatos podem representar a simbologia terena.

Os estilos utilizados pelos terenas são florais, pontilhados, tracejados e ondulados nas cerâmicas. Com a chegada da modernidade e avanço tecnológico, o que muito nos preocupa, é que essa identidade cultural está se perdendo aos poucos na aldeia lagoinha.

Na aldeia há poucos artesãos, uns aprenderam sozinhos por curiosidade e outros foram ensinados pelos seus antepassados, e se não incentivarem aos mais novos, mais uma parte dessa identidade será extinta.

Portanto, se enquanto educadores não incentivarmos a comunidade da aldeia, local de manter essa prática, vai se perder, e essa marca da identidade será “esquecida”, pela nova geração.

Os antepassados sofreram muito, mas mesmo assim mantiveram sua identidade, e se, com o pouco que ainda existe, não for revitalizado será extinto de vez.

2.3 Artesanato Terena

O artesanato terena, no passado serviu de subsistência, eram feitos objetos artesanais por meio de barros, palha e tecelagem.

[...] A produção de artefatos de cerâmica, cuja decoração externa (pintura) apresenta harmoniosas e delicadas composições de motivos florais e /ou abstratos é feita pelas mulheres. Todavia não é em todas as aldeias que isso ocorre.[...]MARTINS, 2002, P.66

As únicas aldeias que ainda mantêm essa prática é a aldeia cachoeirinha localizada na cidade de Miranda – MS. Algumas peças desses artesanatos ainda são utilizadas em casa como utensílios domésticos e outros são destinados a exposições e vendas.

Para o preparo das cerâmicas os materiais são separados da seguinte forma:

O pó utilizado para se fazer a cerâmica é retirado da argila e de resíduos de vegetais e pedras depois amassada e peneirada. Após esse processo os artesanatos são modelados e levados ao fogo. Vejamos imagem a seguir.



Figura 07: Imagem de mulher queimando o artesanato depois de pronto.
Fonte: Circe Maria Bittencourt, Maria Elisa Ladeira, 2000.



Figura 08: Coletânea com escultura terena.

Fonte: <http://triboterena.blogspot.com>, acessado em 25/11/2018.

Este serviço era e é encargo das mulheres, que fiavam o algodão e também fabricavam suas cerâmicas. A forma como preparavam as fiações era da seguinte forma: deixavam o algodão mergulhado na água por alguns dias, depois secavam e separavam para o melhor manuseio. Depois de pronto todo esse processo, as mulheres faziam bolsas que serviam como suporte para guardar frutas, faziam também outros recipientes para utilizarem no dia a dia. Do algodão produziam também os chamados héo-eti (faixas) usadas para segurar oxiripá. BITTENCOUR 2000, P.120. Quanto 'a fabricação de cestos ,abanicos e chapéus eram feitos de carandá , piri ou bambu feitos de carandá , piri ou bambu.



Figura 09: Tecelã Terena.
Fonte: Harold Schultz, 1942



Figura 10: Mulher Terena pintando peças em cerâmicas.
Fonte: Circe Maria Bittencourt, Maria Elisa Ladeira, 2000.

Segundo um cientista Richard Rohde, relatou que as mulheres terenas faziam as peças quando ainda o barro estava mole, com a ajuda de uma corda, que dava a modelagem, depois desse processo, a peça era colocada ao sol para secar e depois era cozida. Depois era pintada com resina de pau-santo, e colocadas em brasas

ainda acessa. Depois de fria o desenho era concluído com as cores vermelhas e branco. Bittencourt 2000, p.125.

Em entrevistas com alguns moradores da aldeia local, também sentem essa necessidade de incentivar os mais novos, porém não possuem apoio de nenhum órgão público, sem contar que a falta de material tem sido escasso nas aldeias.

Em um dos relatos feito pelo senhor Laucídio Marques, 53 anos de idade, morador da aldeia Lagoinha e artesão, alegou que chegou a ensinar aos mais novos no projeto peti (programa do governo com o objetivo de retirar crianças , de 07 a 14 anos, do trabalho que coloca em risco a vida das crianças e do adolescente),mas não teve continuidade por falta de apoio e material.

A preocupação com essa perda tem sido preocupante para os anciões da aldeia, mas os mais novos não tem demonstrado interesse em aprender.

Outra artesã Berenice Gonçalves de Asis faz brincos de penas, colares, anéis, e cocares.



Figura 11: Cocar feminino.

Fonte: Sueli Rodrigues, 2018.



Figura 12: Colar de sementes.
Fonte: Sueli Rodrigues, 2018.

Os artesanatos em cerâmicas não se fazem na Aldeia Lagoinha, somente na Aldeia Cachoeirinha em Miranda-MS. É interessante abordar que os artesanatos produzidos nos dias atuais, é representado por animais do Pantanal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de desenvolvimento desta pesquisa, constatou-se que os jovens vêm deixando de lado valores culturais, em razão não só da influência tecnológica, mas também pela falta de interesse em aprender com os mais velhos. Abordamos, no decorrer do nosso trabalho, a trajetória de aspectos culturais vivenciados pelos terenas no passado e nos dias atuais, com intuito de compreender elementos que fazem parte da construção de sua identidade.

Partindo dos relatos dos autores que fundamentaram nosso trabalho, percebemos o quanto os indígenas sofreram com a chegada dos não indígenas em seus territórios, a ponto de muitas tribos terem sido extintas. Os remanescentes que ainda vivem nos dias atuais lutam para preservar suas tradições e cultura.

Conclui-se que a prática dos artesanatos inseridos dentro da aldeia Lagoinha- Distrito de Taunay- Município de Aquidauana- MS, necessita de auxílio tanto em relação a recursos para o desenvolvimento dessa prática, quanto necessita da participação de todos os membros da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **História do povo Terena.** / Brasília: MEC, 2000.156p.

FERREIRA, José Roberto Martins. 1950. **História: 6ª série.** São Paulo: FTD, 1997.

MANGOLIN, Olivio. Povos **Indígenas no Mato Grosso do Sul: viveremos por mais 500 anos** Campo Grande, MS: Conselho Indigenista Missionário Regional de Mato Grosso do Sul.

MARTINS, Gilson Rodolfo. **Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul.** 2ª Ed. ampl. e ver. Campo Grande, MS: UFMS, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista – Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo.** Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2008.

_____. As formas do silêncio: no Movimento dos Sentidos. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. 1942. **O artigo definido e os numerais na língua Kiriri.** Vocabulários Português-Kiriri e Kiriri-Português.

PAULA, Eunice Dias; PAULA, Luiz Gouveia; AMARANTE, Elizabeth. **História dos povos indígenas: 500 anos de luta no Brasil.** Conselho Indigenista Missionário. Petrópolis, vozes, 1984).

<https://arquitetandoofuturo.wordpress.com/author/yagothierres>. Acesso em 25/11/2018